

FELIZ PÁSCOA

Cristo ressuscitou.

Para nós que sofremos na carne os problemas
da Baixada Fluminense,
a Ressurreição de Jesus Cristo
é motivo de esperança e de alegria.

Nesta maior festa do ano cristão
desejamos a todos os irmãos e irmãs,
a todo o Povo sofrido da Baixada
a paz e a certeza de melhores dias.

Cristo ressuscitado que destruiu a morte
para nos tornar herdeiros da vida eterna,
nos ajude a construir algum sinal do Reino
em nossa querida Baixada Fluminense.

É o que desejamos de coração a todos os irmãos e irmãs.

Adriano, bispo diocesano

Agostinho Pretto, vigário-geral

Bartolomeu Bergese, pró-vigário-geral

Renato Stormacq, CICM, coordenador da Pastoral

Mauro Negrette Garcia, OFM, vice-coordenador da Pastoral

FORMAÇÃO DOS FORMADORES

Adriano, bispo diocesano

A impressão é antiga: aqueles que têm a missão de formar na Fé precisam ter melhor formação religiosa, para poderem assumir sua missão de educadores da Fé. Aos Pais faltam em geral os conhecimentos básicos da Fé Católica. Mas a mesma falta sentem quase todos os catequistas, quase todos os preparadores dos Sacramentos, quase todos os agentes de Pastoral. Dessa falta resultam prejuízos sensíveis para as crianças, para os jovens, para o Povo de Deus em geral. Enquanto a formação dos sacerdotes, em linhas gerais, é excelente, a formação dos leigos engajados sofre uma penosa lacuna.

Nos muitos contatos que tenho tido com as paróquias durante o primeiro período do Sínodo Diocesano, escuto em toda a parte a queixa: nós não estamos preparados, precisamos de uma formação boa, para exercer o nosso ministério de catequistas de crianças, de catequistas dos Sacramentos, de agentes de Pastoral.

Que fazer?

O problema não é novo. Desde nosso primeiro encontro de planejamento pastoral em 1967, a formação tem sido uma das nossas prioridades pastorais. Sempre houve consenso sobre a necessidade de formar bem nossos agentes de Pastoral. A celebração do Sínodo veio confirmar essa experiência e certamente virá despertar em nossa diocese medidas concretas. Precisamos criar instrumentos de formação eficiente e prática, de acordo com a situação concreta de nossa diocese e do nosso Povo.

A falta de formação adequada reflete-se em todos os setores da Pastoral.

Por exemplo, na composição das diversas Comissões Pastorais: catequese, círculos bíblicos, juventude, liturgia, pastoral operária, pastoral da terra,

pastoral de missões, vocações e ministérios, etc. Há em todos os agentes de Pastoral uma tocante boa vontade, um tocante idealismo, uma tocante generosidade. Mas a formação falta na maioria dos casos. Sim, que fazer?

Nos anos sessenta nossa diocese teve seu Centro de Pastoral Catequética (CEPAC) e sua Escola de Catequese (EPAC). Quantos bons frutos produziu! Ainda hoje são reeditados os manuais de Catequese elaborados então pela equipe do CEPAC. São inesquecíveis as contribuições da Congregação dos Missionários do Imaculado Coração de Maria para a formação de nossos catequistas. Parece que as experiências do Sínodo, já agora, aconselham uma restauração do antigo CEPAC, certamente com aproveitamento das ótimas experiências destes últimos vinte anos, certamente levando em conta a caminhada fecundante de nossa diocese nos seus primeiros vinte e sete anos de vida.

Temos hoje mais pessoas capacitadas. Temos vários prédios que oferecem espaço às pessoas desejosas de formação. Talvez seja possível agora dar ao nosso Centro de Formação o seu sentido original.

Como o tema de nosso Sínodo é: "Transmitir a Fé", cabe-nos descobrir os métodos mais indicados para formar aqueles que, por sua vocação ou sua opção, querem ser os transmissores da Fé. Temos de pensar com carinho na formação de Pais católicos, de catequistas, de professores de religião, de preparadores dos Sacramentos etc., a partir sempre de nossas experiências pastorais, a partir sempre da Fé que a Igreja recebeu de Jesus Cristo e deve anunciar em todos os tempos e lugares.

A formação sólida e constante de nossos agentes pastorais é a maneira certa e correta para assumirmos nossa missão de transmitir a Fé.

OCUPAÇÕES DE TERRA E JUSTIÇA SOCIAL

Adriano, bispo diocesano

Em nossa diocese, em nosso Estado do Rio de Janeiro, em todo o Brasil têm acontecido inúmeros casos de ocupações ou invasões de terras abandonadas, tanto do Governo como de particulares.

Por que acontecem as ocupações?

O motivo mais profundo é a insegurança social, é a crise econômica, é a recessão que tomou conta do Brasil nos últimos tempos. O Povo humilde dos assalariados que recebem de um a dois salários mínimos, vê-se obrigado a fazer funcionar seus humildes e pacíficos instrumentos de defesa.

Que instrumentos são estes?

Muitos operários fazem biscates em sábados e domingos, assumem horas extras, "vendem" as férias. Em muitas famílias de operários as mulheres assumem também toda espécie de trabalho, para fortalecerem o orçamento familiar. E não são raros os casos de serem também os filhos, em tenra idade, a fazer toda espécie de trabalhos.

Esses instrumentos não bastam para enfrentar os constantes aumentos de aluguel, de gêneros alimentícios, de serviços públicos, de escola, de remédios, de roupas. Os aumentos salariais são sempre inferiores à taxa oficial de inflação, uma taxa média que não corresponde à realidade con-

creta do trabalhador assalariado. Daí por que, na fantasia criadora do pobre, os pobres procuram descobrir outros instrumentos de compensação e de defesa.

Em nossa região muitíssimos operários vieram das zonas agrícolas do país: do norte Fluminense, do Espírito Santo, de Minas Gerais e sobretudo do Nordeste. Vieram tentar a sorte. Vieram atraídas pelas condições mais humanas de vida, que nunca encontraram no atraso feudal das regiões agrícolas. Como se trata geralmente de operários sem qualificação profissional, a maioria acaba na construção civil. Acontece a recessão, ao saber das medidas improvisadas do Governo que nunca sabe muito bem o que quer: esses operários são jogados na rua da amargura. Moram nos bairros da periferia, no Grande Rio. E aqui vêm com olhos gulosos as muitas terras abandonadas, antigas fazendas de café ou laranjais, hoje entregues ao mato ou a algumas cabeças de gado. Terras que, sem cultura, causam enorme prejuízo à economia nacional. Que surpresa ver como os olhos gulosos de terra boa e como o coração oprimido pela miséria crescente se acendem de desejos: ocupar a terra abandonada, seja de quem for, e pelo trabalho produtivo levar a fartura aonde só existia a carência?

O Povo humilde que ocupa áreas abandonadas, quer trabalhar. Quer pelo trabalho sobreviver

dignamente. Quer pelo amanho de terras abandonadas fomentar a produção de gêneros alimentícios para si e para os outros. Quer pelo casamento da semente com a terra contribuir para o progresso do Brasil.

Contra estes irmãos nossos, homens e mulheres que ocupam terras abandonadas sem pesar nada ao Estado, justamente porque não querem pesar sobre a sociedade, cai, esmagador, o peso da propriedade privada, mal entendida, acionado pela Justiça antiquada, pela Polícia acionada pela Justiça dos homens, e pelos jagunços alugados ou forçados pelos grandes proprietários. Contra o

irmão pequeno, com o qual se identifica Jesus Cristo (basta reler o capítulo 25 do Evangelho de S. Mateus), se aliam, violentas e solidárias, as elites do poder: Justiça, Polícia, proprietários, empresários, grandes jornais e revistas, televisão e rádio.

Se visitarmos uma dessas ocupações logo no início, veremos no rosto sofrido destes irmãos e irmãs nossos, filhos do mesmo Pai, mas cidadãos de segunda ou terceira classe, a alegria dos puros e a esperança dos profetas. Por que não ajudá-los na procura de uma solução justa e cristã, humana e social?

O SÍNODO BOLE COM O IRMÃO BISPO

Adriano, bispo diocesano

É para mim, que estou há mais de 21 anos na Baixada Fluminense, necessário perguntar de vez em quando, por que a Divina Providência me transportou nas asas da graça do Espírito Santo, do Nordeste para a diocese de Nova Iguaçu. Quem somos nós para compreender os desígnios de Deus? Diante do mistério de Deus temos de exclamar todos os que temos Fé, com S. Paulo: "Ó profundidade das riquezas e da sabedoria e da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e imperscrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11,33).

Mas se não podemos compreender os planos de Deus, podemos e devemos abrir os olhos para a realidade da Baixada Fluminense, com seus ricos valores e seus lamentáveis desvalores, com seus desafios, com suas esperanças e desesperos, com seu bom Povo abandonado e marginalizado; podemos e devemos repassar, em momentos de calma, todas as maravilhas que Deus tem operado no seu Povo e através do seu Povo; podemos e devemos avaliar nossa atuação de ministros de Jesus Cristo e dos irmãos.

E desta visão e compreensão da realidade tiramos motivos bastantes de gratidão para com Deus que nos escolheu e nos chamou para o ministério do Evangelho na Baixada Fluminense.

Aqui se insere o Sínodo em minha vida pessoal e na minha missão de irmão bispo.

Segundo o Concílio Vaticano II (os bispos recebem do Senhor, a quem foi dado todo o poder no céu e na terra, a missão de ensinar a todos os Povos e pregar o Evangelho a toda criatura, a fim de que os homens todos, pela Fé, pelo batismo e pelo cumprimento dos mandamentos alcancem a salvação" (LG 24). Mais adiante o mesmo documento acrescenta: "Entre os principais deveres dos bispos sobressai o de pregar o

Evangelho. Pois os bispos são os pregadores da Fé que levam novos discípulos a Cristo. São os mestres autênticos dotados da autoridade de Cristo que pregam ao Povo a eles confiado a Fé que deve ser crida e praticada" (LG 25).

A missão essencial do bispo é transmitir a Fé. Por isto mesmo o nosso Sínodo, que tem por tema precisamente "Transmitir a Fé" e por lema "A Baixada busca o Deus Libertador", me impõe uma revisão séria e profunda da minha Fé em todos os seus aspectos fundamentais. Estas e muitas outras perguntas básicas tenho de fazer constantemente, a partir do tema e do lema do nosso Sínodo:

• Como é que Deus, como Pai, está presente na minha vida e no meu serviço de bispo da Igreja? de bispo que exerce o seu ministério na Baixada?

• Que é Jesus Cristo para mim, na vida de cada dia, em qualquer tarefa pastoral? Jesus Cristo é de fato meu salvador, libertador, redentor?

• Que atitude assumo habitualmente em face do mistério e da loucura da Cruz?

• Que espaço, que lugar, que importância atribuo ao Espírito Santo na minha vida e atuação de irmão bispo?

• Que tipo de autoridade exerço: autoridade de serviço, alegre e generoso prestado aos irmãos sobretudo aos pequenos e humildes, ou autoridade de dominação e poder?

• Que conseqüências práticas tem para mim o fato de que, à luz da Fé, todos, sem exceção, somos filhos do mesmo Pai e, por isto, irmãos num sentido profundo e real?

• Que preferência concreta e constante dou aos irmãos pequenos, com os quais Jesus Cristo se identifica (cf. Mt 25,31-46)?

São perguntas, entre outras, que devem mexer profundamente comigo e com minha maneira de ser bispo na Baixada Fluminense.

O SÍNODO BOLE COM OS PADRES

Adriano, bispo diocesano

Quando pergunto aos diversos grupos de agentes da Paróquia quem são os principais transmissores da Fé, quase sempre a primeira resposta era: "os padres". Ou também: "o Papa, os bispos, os padres". Os fiéis têm uma intuição sábia da missão do padre, na Igreja. Nós somos padres, não para dominar nossas comunidades (cf. 1Pd 5,3), mas para servi-las em primeiro lugar, segundo o Vaticano II, pela pregação da Palavra de Deus, pelo anúncio da Fé.

O Sínodo, que tem por tema: "Transmitir a Fé", que tem por lema: "A Baixada busca o Deus

Libertador", deve mexer profundamente com os padres. Mexer em vários sentidos.

O primeiro aspecto será talvez este: Que é Jesus Cristo para nós padres? Parece uma pergunta vazia de sentido. E não é. Jesus Cristo é o salvador. Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida. Jesus Cristo é a ressurreição e a vida. Jesus Cristo é o bom Pastor. Jesus Cristo é o alfa e o ômega da História da Salvação. Tudo bem. Sabemos disto excelentemente. Mas a questão diz respeito à nossa ligação efetiva e afetiva com Jesus Cristo. Em minha vida, no meu pensamento, no meu coração, nas minhas mãos, no meu dia-a-dia o que é Jesus Cristo para mim?

Podemos talvez descobrir o que Jesus Cristo é para mim, padre, nos momentos de provação, de contradição, nos momentos de "fossa", como dizemos na gíria. Nesses momentos de cruz é para Ele que levantamos nossos olhos, nosso coração, nossas mãos? Quando nos esmaga qualquer peso da concupiscência dos olhos, da concupiscência da carne, da soberba da vida (para lembrarmos somente as matrizes de todas as tentações e provações, como nos ensina um padre e bispo — S. João em 1Jo 2,16), nesses momentos cruciais o que é Jesus para mim? É nele que depositei minha confiança? Tenho plena convicção de que Ele é capaz de guardar o meu depósito até o fim? (cf. 2Tm 1,12).

A referência constante e profunda a Jesus Cristo, autor e aperfeiçoador de nossa Fé, é o melhor termômetro para avaliarmos nossa Fé, a Fé que vivemos e a Fé que pregamos aos nossos irmãos. É relativamente pouco o que os autores sagrados nos transmitem sobre Jesus. Mas é o suficiente, para alimentar, em profundidade, a Fé que vivemos e transmitimos. É o suficiente, para nos mostrar como Jesus procedeu e ensinou em muitas circunstâncias-modelo.

Esta referência constante e profunda a Jesus Cristo é o que despertará a nossa criatividade pastoral, para servirmos melhor nossos irmãos

O SÍNODO BOLE COM OS RELIGIOSOS

Adriano, bispo diocesano

Os religiosos, aqueles cristãos que pelos votos religiosos assumiram ser um sinal mais claro da imitação de Jesus Cristo e uma antecipação, dentro das limitações humanas, da plenitude do Amor de Deus, participam de muitos modos da vida de nossa diocese. Cerca de dois terços dos padres que trabalham em Nova Iguaçu são religiosos de 10 institutos religiosos. Religiosas de 11 congregações dão sua contribuição à nossa Pastoral, na vida contemplativa, como na vida ativa, em colégios, hospitais, paróquias etc. Nossa diocese de Nova Iguaçu sente-se orgulhosa e feliz de ter tantos religiosos nos seus quadros pastorais. Como estamos celebrando o nosso Sínodo, podemos perguntar: o Sínodo, que bole com o bispo, que bole com os padres, será que bole também com os religiosos e com as religiosas? Não tenho a menor dúvida que sim. Já pelo fato de nossos religiosos e religiosas estarem todos, de uma ou de outra maneira, comprometidos com a Pastoral e com a caminhada de nossa diocese.

Pelo tema: "Transmitir a Fé" e pelo seu lema: "A Baixada busca o Deus Libertador", o Sínodo bole com os religiosos.

A consagração religiosa é um ato de Fé profunda e alegre. É graça de Deus e é resposta da pessoa humana. Deste casamento de graça e vontade livre faz-se a consagração. Como ato histórico, irrepetível, em face da comunidade eclesial pelos chamados votos de pobreza, obediência e castidade. Mas a consagração não é apenas acontecimento histórico, é sobretudo um dinamismo da graça que sempre se atualiza na dimensão da Fé, da Esperança e do Amor.

A consagração religiosa faz a pessoa assumir o serviço do Pai e por isto mesmo o serviço dos irmãos, com a dimensão do sacrifício e da renúncia que a Igreja estabelece.

pobres e humildes; é o que alimentará nossa doação aos irmãos oprimidos e marginalizados; e é também o que distinguirá nossa inserção pastoral social de qualquer tipo de ideologia.

Dando um exemplo: quando assumimos a causa de irmãos nossos que, para sobreviver, ocupam terras abandonadas, não estamos, não deveríamos estar a serviço de qualquer tipo de ideologia — nem marxismo, nem populismo, nem filantropismo etc.: estamos tentando, dentro de nossas limitações, imitar a Jesus Cristo na sua participação com o sofrimento do Povo e na sua criatividade miraculosa (cf. Mc 6,30-44; 7,14-23).

O pão que Jesus Cristo multiplica é bem o símbolo de todo o nosso esforço criativo, para servir os irmãos pequenos, com os quais Jesus se identificou e sempre se identifica. Não fosse assim, e o bem que fazemos aos irmãos mais pequenos (cf. Mt 25,40.45), não seria em todos os tempos e no fim dos tempos o critério do julgamento definitivo para Jesus Cristo nos julgar.

O Sínodo bole conosco padres. E oxalá que bula profundamente, que nos angustie a ponto de aproximadamente podermos dizer com Paulo: "Além de outras coisas tenho meus cuidados diários: a solicitude de todas as igrejas. Quem é fraco, que eu também não seja fraco? quem é seduzido que eu não arda?" (2Cor 11,28-29).

O Sínodo faz os religiosos questionarem-se em vários aspectos de vida consagrada.

- Que é Jesus Cristo para mim concretamente?
- Que influência concreta tem Jesus Cristo, nosso Salvador, na minha consagração de religiosos?
- Que Fé tenho vivido e transmitido como religioso?
- Diante do sofrimento do Povo humilde que nos cerca, que dimensões assumem o meus votos religiosos?
- Qual é minha pobreza em face de tantos irmãos pobres?
- Que dimensão de serviço me permite e me deixa o tempo que eu não preciso gastar com a procura do pão de cada dia?
- Como é que a vivência do Sínodo, por seu tema e lema, poderá intensificar a minha consagração religiosa?

E por aí afora. Os que somos responsáveis pela realização do Sínodo temos de começar em casa. Devemos pôr-nos em "estado de Sínodo". Devemos embeber-nos do Sínodo. E do Sínodo tiremos incentivos para um aprofundamento da Fé em seus aspectos mais profundos, por exemplo, como inserção maior na "comunhão" fraterna.

Quando nos interessamos pelos irmãos que, privados pela fome, ocupam terras abandonadas, o que nos impele não é qualquer tipo de ideologia nem qualquer vontade de poder e de prestígio, mas somente o amor de Cristo que se realiza no amor dos irmãos frágeis, pequenos e sofridos.

O Sínodo quer abrir-nos os olhos para certos aspectos lamentavelmente esquecidos, como é precisamente a dimensão comunitária, social, eclesial. Nossa Fé é uma Fé transbordante, comunicativa, orientada para a libertação do irmão. A vida comunitária que caracteriza os religiosos, tem de ser alargada para toda a comunidade de Igreja, em seus elementos essenciais, a começar da fraternidade e da vida em família.

O SÍNODO BOLE COM OS LEIGOS ENGAJADOS

Adriano, bispo diocesano

Em nossa diocese há centenas de leigos, homens e mulheres, jovens e adultos comprometidos com Jesus Cristo, engajados na Pastoral. Há muita gente desempenhando os ministérios da Comunhão, do Batismo e de assistentes do Casamento. Há muitos catequistas. Há muitos que são membros do Conselho Paroquial ou dos Conselhos Comunitários.

Sentimo-nos alegres em ver tantos irmãos e irmãs engajados no serviço de Deus e da comunidade. Quantos participam ainda no esforço social de nossa diocese, sobretudo em situações críticas, por exemplo, quando se realizam ocupações de casas ou de terrenos, quando se fazem manifestações públicas pelas grandes causas do Povo. Para tantas pessoas comprometidas o Sínodo é um tempo forte de revisão e de reflexão. O Sínodo bole com todos os nossos agentes de Pastoral.

Os leigos engajados podem assim perguntar:

- Como está a minha Fé?
- Que tipo de Fé tenho eu: uma Fé individualista, voltada para mim mesmo e para dentro da Igreja ou uma Fé marcada pela dimensão social e eclesial, uma Fé aberta para os irmãos mais pobres e frágeis?
- Como agente de Pastoral (catequista, ministro dos Sacramentos etc.) tenho preocupação de transmitir a Fé da Igreja aos meus irmãos?
- Qual é a Fé que transmito?
- Estou realmente preparado para exercer o ministério que a comunidade me confiou e que o irmão bispo me autorizou a exercer?
- Sinto-me ligado à Igreja particular de Nova Iguaçu (nossa diocese) e através dela com a Igreja universal?

• Que é Jesus Cristo para mim, em meu pensamento, em minhas preferências, em meus sofrimentos e alegrias?

• Que lugar dou no meu trabalho pastoral, na transmissão da Fé, ao Divino Espírito Santo?

• Exerço meu ministério em espírito de Fé ou apenas como uma atividade entre outras atividades?

• Que é a oração para minha vida de cada dia?

• Como me coloco diante do mistério da Cruz?

• Que formação me seria necessária para poder transmitir a Fé com autenticidade?

Já declarei mais de uma vez que o Sínodo se dirige em primeiro lugar aos agentes de Pastoral: padres, religiosas e leigos engajados. Nós, agentes de Pastoral, somos devedores de nossos irmãos. Recebemos da Igreja a missão de transmitir a Fé. Por isto mesmo devemos receber para transmitir, como fez S. Paulo e têm feito todos os apóstolos. "Ai de mim se não anunciar o Evangelho! (1Cor 9,16).

Há no mundo inteiro, também na Baixada Fluminense, uma crise de Fé. Não tanto no aspecto de pessoas que perderam a Fé, mas no aspecto de pessoas que ainda não receberam a Fé, a Fé de Jesus Cristo. Para isto impõe-se a boa formação dos formadores.

Já podemos descobrir intuitivamente que um dos resultados concretos do Sínodo será a criação de um instituto de formação catequética e pastoral, no qual os agentes de Pastoral possam receber uma preparação intensa para o seu ministério, preparação concentrada nas linhas pastorais que nossa diocese adotou.

UM CENTENÁRIO DIFÍCIL

Dom Adriano, bispo diocesano

O centenário da Abolição, que celebramos neste 13 de maio de 1988, é um centenário difícil, polêmico, contraditório. Por quê?

Estamos todos de acordo que a libertação dos escravos chegou tarde demais. O Brasil foi a última nação ocidental a libertar sua escravaria. Depois dos Estados Unidos (1865) e de Cuba (1870). Enquanto alguns países latino-americanos aboliram a escravidão no momento mesmo da independência, como, por exemplo, o México já em 1829, ou um pouco mais tarde, o Brasil que foi o maior importador de escravos, teve de esperar até 1888. Tarde demais, certo, mas chegou. E devia chegar por meio de um decreto formal, lacônico, assinado pela Princesa Isabel, regente do Império na ausência do Imperador Pedro II, seu Pai, em 13 de maio de 1888.

A pressão das classes dirigentes, conservadoras e escravistas, não permitia a abolição. Depois da independência, que foi antes de tudo um movimento das elites, a Inglaterra que tinha forçado Portugal a abrir os portos do Brasil "às nações amigas" (1808) fez o governo imperial continuar e intensificar a importação de escravos. Pois toda a produção agrícola se baseava no trabalho escravo.

Se em 4 de setembro de 1850 foi promulgada a lei Eusébio de Queiroz, que abolia o tráfico negreiro oficialmente, isso aconteceu sob a influên-

cia da Inglaterra, interessada agora em outros mercados. Apesar da proibição oficial, o comércio de escravos africanos continuou na clandestinidade consentida pelo Governo. O idealismo de alguns, o liberalismo de outros, os solitários profetas, mas sobretudo o lobby inglês conseguiram no correr dos anos, a duras penas, a lei do Ventre Livre (1871) — os filhos de escravos eram livres —, a lei dos sexagenários (1885) — com sessenta anos o escravo recebia carta de alforria — e, afinal, tardiamente a Lei Áurea em 13 de maio de 1888: "É declarada extinta a escravidão no Brasil".

Cerca de 800 mil escravos existentes então no Brasil receberam o presente da liberdade. Eram cerca de 800 mil cidadãos por decreto que, de uma hora para outra, se acrescentavam à massa dos marginalizados. Em cem anos de liberdade e de República cresceu em cerca de 75 a 80% o número de cidadãos de uma cidadania teórica que em nada se concretiza.

Desde a colônia, através do Império e da Regência, até a República centenária continua desafiador e violentador dos Direitos Humanos o contraste chocante entre o elitismo das classes dirigentes e o Povo marginalizado. Somos dois Povos: de um lado, o Povo do poder, uns 20-25% de brasileiros, do outro lado o Povo à margem, o Povão. O elitismo que marcou toda a história do Brasil continua vivo, dinâmico,

absorvente, fechado ao diálogo, desenvolvendo uma luta sem tréguas, para conservar poder absoluto e seus privilégios.

Em cem anos de libertação dos escravos, pouco mudou. O elitismo que dificultou ao máximo a libertação dos escravos, continua forte, intransigente. No Império a libertação dos escravos. Em nossos dias a Reforma Agrária.

Em 1988 os negros estão libertos. Mas com a multidão imensa de brancos, de índios, de mulatos, de caboclos formam o Povão, sem voz nem

vez, marginalizado, desprezado.

Seria lamentável se o Movimento Negro, na tentativa de recuperar o passado, se fechasse em si mesmo, se isolasse do grande Povo brasileiro marginalizado e, com isto, causasse uma racha no esforço de integração do Povão marginalizado. Devemos postular uma reparação séria da injustiça cometida contra nossos irmãos negros mas dentro de uma visão maior: todo o Povão precisa ser integrado ao processo social, para a construção de nossa Pátria.

SEMANA TEOLÓGICA EM NOSSO SEMINÁRIO

Dom Adriano, bispo diocesano

O Seminário é casa de formação de futuros padres. Mas em várias atividades está aberto para cristãos que desejam aprofundar e confirmar sua Fé.

O ano passado começamos uma atividade que, a Deus querer, será continuada para o futuro: a oferta de uma "Semana Teológica" (por ora apenas três dias, por razões práticas) que se ocupa, científica e pastoralmente, de problemas humanos e sociais, estudados à luz da divina Revelação.

O problema da integração do negro na vida da Igreja — eis agora o desafio proposto à nossa Fé católica.

À luz da Fé gostaríamos de enriquecer a Teologia com sugestões concretas que nos são propostos por nossos irmãos e irmãs de raça negra e pelas experiências de uma diocese que em grande parte, provavelmente em sua maioria, consta de uma população negra e mulata.

O fato de Jesus Cristo, o Filho de Deus, ter-se encarnado no seio de uma filha do Povo de Israel, no seio de uma mulher semita, membro do Povo que Deus escolheu, como sinal histórico da escolha de todos os Povos, faz a história da salvação começar um novo período. O pequeno Povo de Israel assume graça a Jesus Cristo o que era sua missão: anunciar o mistério escondido desde séculos a todas as nações do mundo.

Com Jesus Cristo explodem os limites do primeiro Israel e o pequeno Israel, sem perder o seu caráter de Povo eleito, vê pela cruz e ressurreição de Cristo alargados os seus limites até os confins do mundo. Em Jesus Cristo todos os Povos são o novo Israel, Povo escolhido, Povo de Deus, Povo sacerdotal e Povo messiânico.

A expansão do Cristianismo no espaço greco-romano trouxe inúmeros valores à pregação do Evangelho e à organização da Igreja. A civilização semita-greco-latina marcou profundamente a Igreja e sem dúvida através da missão da Igreja marcou também os mais diversos Povos. Já se falou da europeização do mundo em certo momento através da Igreja que revestia sua prega-

ção de formas européias, em certo momento através da colonização assumida pelos países europeus, países cristãos, nos diversos Povos não-cristãos. Basta ver a maneira de viver, de adquirir cultura, de fazer comércio etc. de muitos Povos da Ásia, da África, da América, da Oceania para reconhecer-se a penetração da cultura européia no mundo inteiro. O mundo continua dependente da Europa.

Em sua atividade missionária a Igreja, que saiu da Europa mundo afora, sempre esteve e ainda está profundamente marcada pela cultura européia. Esta Igreja que no século terceiro e quarto soube assimilar a cultura greco-latina mais tarde receber a contribuição dos Povos germânicos e fez da mistura destes numerosos elementos a infraestrutura de sua ação missionária, fixou-se tanto em suas tradições européias que em elementos fundamentais não soube assimilar as novas contribuições dos Povos missionários. A questão dos Ritos, na China dos séculos XVII-XVIII, é a demonstração mais clara desta incapacidade. Na história das missões verifica-se freqüentemente que a Fé anunciada pela Igreja estava marcada de elementos europeus.

Nunca faltaram vozes proféticas que tentavam a integração de elementos não-europeus à vida e à estrutura da Igreja. Mas esses profetas eram isolados, marginalizados e mesmo perseguidos. Foi preciso que viesse o Vaticano II em nossos dias (1962-1965), tão carregado de valores do mundo moderno, tão sensível aos "sinais dos tempos", para que se modificasse a visão das missões. Agora não se procura impor uma Fé europeizada em todos os aspectos, mas se tenta uma aculturação da Fé à situação de cada Povo.

A prática no entanto está muito longe ainda da teoria. Nem sempre ainda se descobriu a maneira de assimilar dados do Povo negro à nossa Teologia, à nossa Moral, à nossa Liturgia etc. Nossa reflexão teológica deve ajudar-nos a colocar o Povo negro no seu devido lugar: dentro da Igreja, como Povo negro que, com todos os valores da negritude, faz parte do Povo de Deus. E porque é Povo de Deus, tem que dar à Igreja sua contribuição específica.

CÚRIA DIOCESANA — AVISOS

Aviso 06/88 — Viagem do bispo diocesano — A convite da Fastenopfer dos católicos e de Brot für Brüder dos protestantes suíços nosso bispo vai ajudar na preparação da ação quaresmal de ambas as instituições que ajudam muito os países do Terceiro Mundo. Em sinal de gratidão pela muita colaboração que o Brasil e nossa diocese recebem da Suíça é que Dom Adriano aceitou

o convite. Serão semanas intensas de pregações, conferências, entrevistas, visitas, discussões, programas de rádio e televisão em diversas regiões da Suíça. Nosso bispo viaja no dia 28 de fevereiro e espera regressar no dia 27 de março, a tempo de presidir as cerimônias da Semana Santa.

Aviso 07/88 — Quinta-feira Santa — Todo o presbitério está convidado a concelebrar com o bispo diocesano a S. Missa do Crisma na Quinta-feira Santa, às 10 h, na Catedral. Faremos todos

a renovação de nossos propósitos de servir a Deus pelo serviço dos irmãos. Pelas 13 h estaremos novamente reunidos no Centro de Formação para nosso almoço de confraternização. Para o almoço são convidados todos aqueles que participam da assembléia pastoral das primeiras terças-feiras do mês.

Aviso 08/88 — Coleta para os Lugares Santos — Por determinação da Santa Sé se fará na Sexta-feira Santa uma coleta em favor dos Lugares Santos, em Israel (Palestina). É preciso motivar o nosso Povo para assumir como sua a causa dos Lugares Santos e a dar uma contribuição financeira, mesmo módica e humilde, para conservá-los e mantê-los dignamente. Os Lugares Santos interessam a todos os cristãos e mesmo aos muçulmanos. Mas a situação interna de Israel, com as lutas entre judeus e árabes, dificulta muito a situação. Desde a Idade Média o Papa confiou aos franciscanos a conservação e a Pastoral dos santuários da Terra Santa. Muitos franciscanos deram a vida na defesa dos lugares marcados pela presença de Jesus Cristo.

Aviso 09/88 — 26ª Assembléia da CNBB — De 13 a 22 de abril terá lugar em Itaici a 26ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Cada assembléia é um acontecimento importante para a Igreja do Brasil. Este

ano o tema principal é: Igreja, Comunhão e Missão na evangelização dos povos do mundo do trabalho, da política e da cultura. Como é natural, procuramos acompanhar com interesse e orações os trabalhos de nossos bispos.

Aviso 10/88 — Dia das Vocações — No dia 24 de abril, 4º domingo de Páscoa e Domingo do Bom Pastor, celebramos o Dia Universal de Orações pelas Vocações Sacerdotais e Religiosas. Neste dia vamos em primeiro lugar agradecer ao Pai o dom da vocação sacerdotal e da vocação religiosa que deu à nossa Igreja. Pensamos de modo particular em nossos padres e em nossos religiosos e religiosas. Em segundo lugar vamos pedir ao Pai que multiplique na Igreja do mundo inteiro, em nossa Pátria, em nossa Baixada e em nossa diocese as vocações sacerdotais e religiosas, também as vocações para os diversos ministérios dos leigos. Em terceiro lugar vamos rezar pelo nosso Seminário Diocesano Paulo VI, seus educadores, seus professores, seus alunos — a maioria procurando preparar-se para o sacerdócio — e afinal pelos muitos benfeitores que ajudam a manter o seminário.

Encerramento deste número: 26-02-88. Endereço do BD: Cúria Diocesana, Rua Capitão Chaves, 60 (ou: Cx. Postal 77285), 26000 Nova Iguaçu, RJ. Tel.: (021)767-7943.

CALENDÁRIO PASTORAL MARÇO DE 1988	
01 r(09h00) Mensal da Pastoral, CENFOR r(15h00) CDioc. Past. das Vocações, CEPAL	08 r(09h00) Cons. Presb., CEPAL r(19h30) RPast. 4 Com. Dia Intern. da Mulher
03 r(19h00) CDioc. de Cateq., Cat.	11 r(19h30) RPast. 1
04 r(15h00) Equipe Dioc. de Clubes de Mães, CEPAL	12 r(09h00) Equipe Dioc. de Comunicação, CEPAL
05 r(07h30) CDioc. da Família, Cat. r(08h00) Equipe Dioc. de Crisma, CEPAL r(09h00) CDioc. de Justiça e Paz, CENFOR Curso de animação e formação litúrgica RRPP 5, 6 e 7, Sem. r(15h00) CDioc. de Past. da Juventude, CEPAL CDioc. de Círculos Bíblicos, CEPAL	15 r(09h00) Mensal do Clero, COR. r(20h00) RPast. 2, Piam 17 r(09h00) Cons. Dioc. de Pastoral, CEPAL 18 r(19h30) RPast. 7 19 r(08h30) CDioc. de Liturgia, CEPAL r(09h00) CDioc. de Justiça e Paz, CENFOR 20 c(08h00) Formação para agentes de Past. Fam., K-11
06 r(14h30) RPast. 3	22 r(09h00) Cons. Presb., CEPAL r(19h30) RPast. 6, Cabuçu 25 r(19h30) RPast. 5, Austin 26 Festa da Dedicção da Catedral

CALENDÁRIO SOCIAL MARÇO DE 1988	
04 n(1924) Ana Maria Auxiliadora de Carvalho FSA, L	18 m(1980) Maurício Celestino Fernandes, NI
06 n(1915) D. Hermínio Malzone Hugo, Rio n(1916) Alcântara Schrode FB, IESA	19 n(1958) Josefina Schaffer FB, IESA o(1959) Laurindo Marques CSSp, pQueim-SFranc. o(1961) Ivo Plunian AA, dir. COR.
07 m(1980) José Beste, Hemer, Alemanha	20 o(1976) Angel Vidal R. Ludan CICM, form. CICM v(1986) Sandra Maria do Eterno Pai OSCL., PFI.
08 n(1936) Pasquale Grossi CRL, pNMeq.	21 o(1947) José Fernandes Coujil, pQueim-Fát. n(1949) Rosa Guilherme FB, IESA
10 o(1946) José do Carmo Marques, apos. m(1970) Egídio Camerlijnk CICM, NI	23 o(1958) Guilherme Steenhower SSCC, pPFI.
11 n(1932) Maria Goretti NSV, Heliópolis o(1967) Antônio Abreu cSJOp.	26 (1960) Criação da Diocese de Nova Iguaçu m(1975) Adalberto van Velsen SSCC, Rio (1985) Dedicção da Catedral de N. Iguaçu
13 n(1946) Gaby Gheysens CICM, Prov.	27 o(1937) Dom Agnelo Rossi, Roma
14 (1980) Criação da Diocese de Itaguaí	28 n(1924) Agostinho Pretto, vig.-geral, p.Cat.
15 n(1926) Bernarda de Andrade Santos FS, L v(1947) Eugênia Cotta FC, Viga	30 n(1950) Clínio José Drago pP n(1950) Maria Francelina da Eucaristia OSCL., PFI.
16 m(1978) Dinarte Duarte Passps, NI	
17 v(1962) Susan Didominicantonio, ICM, sup. regional	

CALENDÁRIO PASTORAL
ABRIL DE 1988

02 r(07h30) CDioc. da Família, Cat.	09 r(09h00) Equipe Dioc. de Com. Social, CEPAL
r(08h00) Equipe Dioc. de Crisma, CEPAL	10 (09h00) Retiro para Ministr. do Batismo, COr.
r(09h00) CDioc. de Justiça e Paz, CENFOR	12 r(09h00) Cons. Presb., CEPAL
r(15h00) CDioc. de Past. da Juv., CEPAL	(19h30) RPast. 4
r(15h00) CDioc. de Círculos Bíblicos, CEPAL	15 r(19h30) RPast. 7
05 <i>Solenidade da Páscoa</i>	16 r(08h00) CDioc. de Liturgia, CEPAL
05 r(09h00) Mensal da Pastoral, CENFOR	(09h00) CDioc. de Justiça e Paz, CENFOR
r(15h00) CDioc. de Voc. e Missões, CEPAL	19 r(09h00) Mensal do Clero, COr
07 r(19h00) CDioc. de Catequese, Cat.	(20h00) RPast. 2
08 r(19h30) RPast. 1, Cat.	21 r(19h30) CDioc. de Pastoral, CEPAL
	22 r(19h30) RPast. 5, Austin
	26 r(09h00) Cons. Presb., CEPAL
	29 r(19h30) RPast. 6

CALENDÁRIO SOCIAL
ABRIL DE 1988

03 n(1932) Luigi Costanzo Bruno CEIAL, pLXV-JGI	15 s(1956) Dom Agnelo Rossi, Roma
04 o(1953) Manoel Monteiro Carneiro, chanceler, pK-11	16 n(1921) Esther de Almeida Neves FC, Viga
05 n(1946) Atamil Vicente de Campos OFM, pN-Ap	17 n(1902) Imelda Dieterich FB, IESA
06 o(1968) Paulo Crivellard PSSC, cSMar.	n(1922) M. Helena T. de Azevedo FC, Cab.
07 n(1917) Ana Zilda da Silva FSA, L	v(1958) Solange Gisiger CSCr., cSta. Rita
11 o(1978) Rodolfo Ramos CICM, pCSO/Cac.	22 n(1931) Solange Gisiger CSCr., cT
12 n(1921) José Lasciale CRL, cNMesq.	23 v(1931) Elfrieda Blum FB, IESA
o(1929) Luís Thomaz OFM, dir. Cáritas Dioc., CENFOR, c	25 n(1921) Noemy dos Santos, FC, Viga
	26 n(1965) Sandra Maria do Eterno Pai OSCL., PFI
	27 n(1914) Dom José Gonçalves da Costa CSSR, Niterói
	29 n(1924) Ana Conceição Vieira de Lima FSA, L
	30 v(1954) Juliana Favre CSCr., T